

Representação Indígena, Território e Cultura no Festival Folclórico de Parintins: uma análise da retratação do Vale do Javari

Indigenous Representation, Territory and Culture at the Parintins Folk Festival: an analysis of retraction of Vale do Javari

Gabriel Augusto Nogueira dos Santos
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - IFAM
Manaus – Amazonas- Brasil

Resumo

O pensamento sobre as questões indígenas é vinculado principalmente a partir dos anos 1980, com os inúmeros debates sobre a inserção deles na sociedade, visto os processos históricos de marginalização e também, de negação dessa identidade. No âmbito da cultura, essas questões ganharam importância a partir dos anos 1990, com os novos significados das festas populares, principalmente as envolvidas na Amazônia, como o caso de Parintins. A pesquisa é de cunho bibliográfico e qualitativo, se baseando em uma revisão de literatura e uma análise vinculada ao espetáculo apresentado a partir da toada “Vale do Javari”, gravada em 1996 e reapresentada em 2019. Nota-se uma valorização histórica e geográfica, além da mensagem voltada a valorização dos povos indígenas e também, relacionados a uma re-existência cultural, baseada no Ethos e nos diversos traços existentes entre os diversos grupos.

Palavras-chave: Folclore; Javari; Cultura Popular.

Abstract

The thinking on indigenous issues linked mainly from the 1980s onwards, with the numerous debates about their insertion in society, considering the historical processes of marginalization and of denying this identity. In the context of culture, these issues have gained importance since the 1990s, with the new meanings of popular festivals, especially those involved in the Amazon, as in the case of Parintins. The research is of a bibliographic and qualitative nature, based on a literature review and an analysis linked to the show presented from the “Vale do Javari”, recorded in 1996 and re-presented in 2019. In historical appreciation is noted and geographic, in addition to the message aimed at valuing indigenous peoples and also, related to a cultural reexistence, based on Ethos and the different traits existing between the different groups.

Key words: Javari; popular culture; Parintins.

Introdução

As questões dos povos indígenas estão cada vez mais presentes na sociedade contemporânea, principalmente no que tange ao seu reconhecimento e inserção perante as conjunturas econômicas e sociais do Brasil. Com isso, é importante compreender a dinâmica histórica dos povos em questão e as diversas narrativas que se formam de suas realidades.

O processo de inserção da Amazônia perante os cenários internacionais e nacionais, são repletas de diversas facetas e controvérsias, baseadas em modelos de imposição e o negar da historiografia são os grandes problemas acerca da identidade e valorização dos símbolos existentes. Com isso, os debates acerca da Amazônia não se restringem apenas ao acadêmico e sim, as festas populares existentes, oriundas dos diversos processos migratórios e a inserção de elementos já existentes.

As festas populares na Amazônia tem ganhado notoriedade principalmente a partir dos seguintes aspectos: resistência das tradições, processos migratórios e a busca pela identidade do lugar, vinculados posteriormente a uma necessidade econômica e também, as questões sociais, da inserção da comunidade no meio.

Importante destacar na inserção, o papel do Festival Folclórico de Parintins, considerada como uma das principais identidades culturais do Amazonas. Nakanome (2017) destaca que a origem do espetáculo é vinculada desde as brincadeiras de terreiro, a sua atual configuração, cuja característica é de massificação, mas também permitiu a valorização da identidade cultural e histórica da Amazônia, vinculadas também ao questionamento das práticas ecológicas e ambientais existentes.

O objetivo desse artigo, a partir da inserção do Festival de Parintins, é trazer a construção e resistência dos povos habitantes da região do Vale do Javari, a partir dos seguintes aspectos: analisar o histórico da região do Vale do Javari, compreender o processo criativo nas toadas de boi-bumbá e o relacionar as questões das dramatizações e toadas com as realidades existentes na região, a partir de uma necessidade de dar voz, no espetáculo, aos agentes envolvidos nas questões indígenas e culturais da Amazônia.

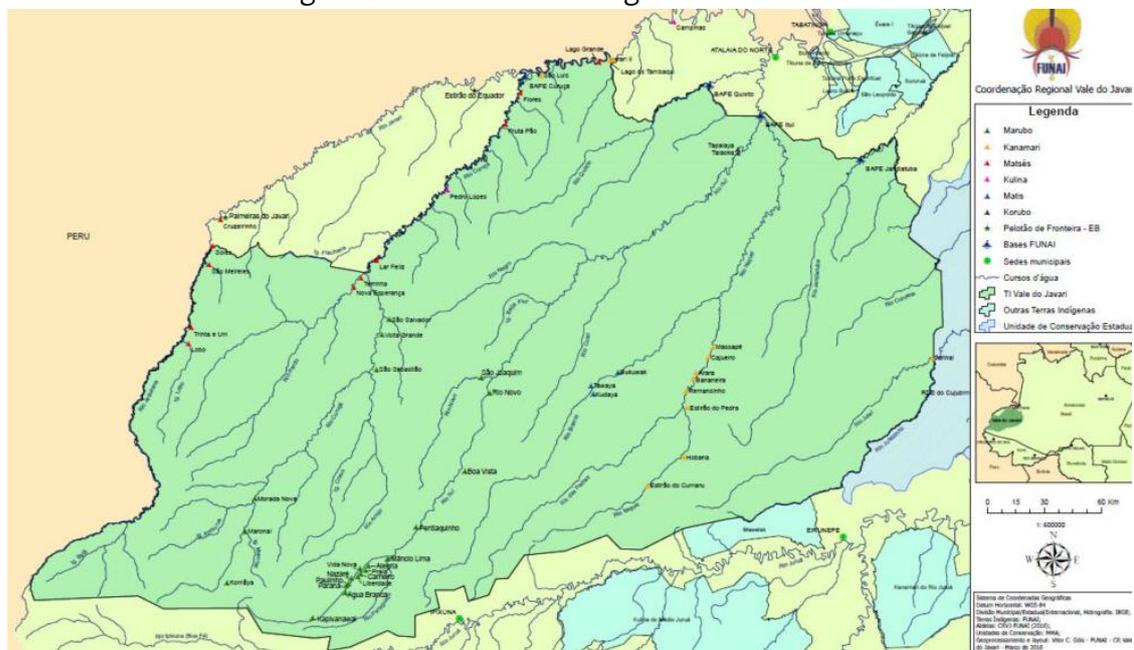
A terra indígena Vale do Javari

A região do Vale do Javari teve em seu contexto histórico, os contatos vinculados a partir da virada do século XX, o fator da exploração da borracha, tanto por peruanos indígenas, quanto por não indígenas. Nakamura (2015) relaciona os contatos com o motivo

das populações entrarem em isolamento voluntário, devido as questões traumáticas desse contato. Enfatizados isso, nos anos 1970, novos contatos refletiram novamente esses traumas, relacionados principalmente a morte de 1/3 dos Matis habitantes na região, baseados no contato e da exploração petrolífera exercida na região, conforme descreve Arisi e Milanez (2017, p.52).

Os estudos da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), datados de 1998, cria uma área de cerca de 8,5 milhões de km² (figura 01), pertencente aos municípios de Atalaia do Norte, Benjamim Constant, Jutai e São Paulo de Olivença, tendo a presença hidrográfica dos rios Javari, Curuçá, Ituí, Itacoai e Quixito, além fazer parte, o alto Jutai e Jandiatuba, conforme visto na sua homologação em 2001, baseadas no relatório de Coutinho Junior (1998).

Figura 01: Área da Terra Indígena Vale do Javari



Créditos: CIMI/FUNAI

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), habitam a região cerca de 6.978 habitantes, com diferentes tempos e graus de contato com a sociedade envolvente: em contato sistemático existem os Kanamari e Marubos (contatados na virada do século XIX para o XX), Mayuruna/Matsés, Matis e Kulina Pano (contatados entre os anos 1960 e 1970), Korubo (com contato desde 1996) e os Tsohom-dyapa (com contatos recentes de até 10 anos), conforme visto a seguir.

Representação Indígena, Território e Cultura no Festival Folclórico de Parintins: uma análise da retratação do Vale do Javari

Figura 02: Índio da etnia Matis em 1985



Créditos: Boletim Isolados

Além disso, existem os seguintes grupos considerados isolados, em que Oliveira (2009, p.6), descreve como sem nenhum grau de contatos com não-índios, listados pela FUNAI e pelo Instituto Socioambiental na seguinte maneira: Isolados do Alto Jutaí, Igarapé Alerta, Igarapé Amburus, Igarapé Cravo, Igarapé Flecheira, Igarapé Inferno, Igarapé Lambança, Igarapé Nauá, Igarapé Pedro Lopes, Igarapé São José, Igarapé São Salvador, Jandiatuba, Rio Bóia/Curuena, Rio Coari, Rio Esquerdo, Rio Itaquai, Rio Pedra, Rio Quixito e um grupo de Korubos isolados.

No âmbito linguístico, a predominância da região é composta por línguas que integram a família Pano. Segundo o Instituto Socioambiental, os Kanamari e Tsohom Dyapá, eles falam a língua oriunda da família Katukina, em que Oliveira (2009, p.32), baseado nos estudos de Shell, ainda nos anos 1970, vincula essa língua a um subgrupo denominado Chácobo, a partir da reconstrução da genealogia da família Pano.

Ao longo da existência, a Terra Indígena é caracterizada principalmente pela questão dos índios isolados, na qual as ameaças fundiárias e também do desmatamento, contribuem para uma possível diminuição populacional e embates violentos. Nos últimos anos, a região tem sido um dos principais alvos também do narcotráfico internacional, devido a sua localização estratégica na região da fronteira com o Peru.

A inserção da FUNAI na região é relacionada com as bases e os batalhões do Exército envolvendo esta região ultrapassa os enfoques jurídicos e também de ordenamento territorial, mas se encontram presentes na literatura e na cultura, principalmente na reconstrução da identidade linguística da região e também nos projetos voltados ao contato e a seguridade dessas populações.

A conjuntura do festival folclórico de Parintins

A cidade de Parintins, localizada cerca de 370 quilômetros de Manaus, na região correspondida ao Baixo Rio Amazonas é destaque pelo seu festival folclórico, que é realizado desde 1966, com formato de disputa. Entretanto, a história dos agentes envolvidos é relacionada principalmente desde o ano de 1913, quando se deu a fundação dos bois bumbás Garantido e Caprichoso. Esta fundação ainda controversa, conforme destaca Batalha e Montardo (2013, p.3).

Nesse processo, Cardoso (2013, p.15), destaca o surgimento dos bumbás em Parintins a partir dos migrantes nordestinos e também, com traços oriundos da cidade de Manaus. Com isso, as identidades relacionadas ao brincar de boi, principalmente até os anos 1960, cuja característica é o “boi de rua”, estão relacionadas a questão da oralidade e dos relatos dos mais antigos.

A festa em Parintins ocorre no último final de semana do mês de junho e em cada noite, são cerca de 5 horas de espetáculo, onde cada bumbá tem um tempo de 2 horas e 30 minutos para fazer a sua apresentação, onde serão avaliados cerca de 21 itens que são estabelecidos no regulamento. Segundo Batalha e Montardo (2013, p.4), o julgamento é baseado regimento esses itens serão julgados em três blocos: musical, cênico/coreográfico e artístico, conforme descrito abaixo.

Quadro 1 – itens avaliados no Festival de Parintins

BLOCO MUSICAL	
ITEM	DEFINIÇÃO
Apresentador (Individual)	Porta voz do Boi.
Levantador de Toadas (Individual)	Quem canta as toadas durante a apresentação.
Batucada ou Marujada (Coletivo)	Percussão e ritmo
Amo do Boi (Individual)	Dono da fazenda e tirador dos versos de desafio
Boi-bumbá Evolução (Individual)	Símbolo maior da agremiação.
Toada – Letra e Música (Individual)	Suporte musical do espetáculo, selecionada entre as toadas gravadas para o tema do ano.
Organização do Conjunto	Reunião de itens individuais e grupais e

Representação Indígena, Território e Cultura no Festival Folclórico de Parintins: uma análise da retratação do Vale do Javari

Folclórico (Coletivo)	artísticos.
BLOCO CÊNICO/COREÓGRÁFICO	
Coreografia (Coletivo)	Dança apresentada durante o espetáculo.
Galera (Coletivo)	Torcidas organizadas de cada Boi.
Porta Estandarte (Individual)	Apresenta o estandarte do Boi.
Sinhazinha da Fazenda (Individual)	Representa a filha do dono na fazenda.
Rainha do Folclore (Individual)	Representa a diversidade cultura.
Cunhã-Poranga (Individual)	Mulher mais bonita da tribo.
Pajé (Individual)	Curandeiro e xamã dos povos indígenas.
BLOCO ARTÍSTICO	
Vaqueirada (Coletivo)	Grupo com a função de proteger o bumbá e o amo.
Lenda Amazônica (Coletivo)	Retrata a cultura e o folclore de um povo.
Figura Típica Regional (Coletivo)	Cotidianos da população amazônica
Ritual Indígena (Coletivo)	Representação da crença indígena.
Alegoria (Coletivo)	Estruturas apresentas na arena
Tribos Indígenas (Coletivo)	Representação dos povos indígenas da Amazônia.
Tuxauas (Coletivo)	Chefes das etnias

Elaborado por: Autor, 2020.

O Festival ocorre no Centro Cultural Amazonino Mendes, também conhecido como Bumbódromo, estrutura construída entre os anos de 1987 e 1988, em formato da cabeça de um boi. Nessa estrutura foram criados os camarotes, cadeiras e arquibancadas, nas seguintes configurações: a chamada de geral (onde a entrada é gratuita) e a especial (onde são vendidas por agências de turismo). A geral está classificada em duas, que são equivalentes aos bois em disputa e é considerado como um dos itens a serem avaliados pelos jurados, juntamente com os demais itens (figura 03).

Figura 03: As galeras do Festival de Parintins



Créditos: Portal do Marcos Santos

Ao longo da história da festa, modificações foram feitas, principalmente de trabalhar a identidade do boi-bumbá, trazido do Maranhão no início do século XX, devido a vinda dos migrantes nordestinos para o trabalho na extração do látex nos seringais, com as questões amazônicas. Essa concepção é abordada por Vieira Filho (2002), que trabalha no seguinte:

[...] os bumbás Caprichoso e Garantido sofreram vários processos de mudança, acréscimos, transformações e redefinições para internalizarem as influências do novo espaço em que estavam inseridos: a Amazônia. [..] (VIEIRA FILHO, 2002 p.30).

Além das transformações acerca da sua temática, a festa que teve sua história iniciada de forma tímida, através da influência da Igreja Católica, ganhou proporções nacionais e até mundiais, com a presença de patrocínios de grande renome e também mudanças na relação com o capital, sobretudo na área turística.

O indígena na toada de boi-bumbá

Ao longo da história deste festival, é importante ressaltar os processos de transformação e configuração do que é o espetáculo apresentado na arena. A partir dos anos 1990, esse reencontro com as questões indígenas, pré e pós-coloniais, como destaca Nakanome (2017, p.54), dando vozes as diversas manifestações e construindo uma identidade voltada a Amazônia.

Nessa construção identitária, Oliveira (2018, p.119), mostra uma necessidade de reexistência e a forma lúdica da identidade cultural indígena. Percebe-se a questão do ritual para a celebração da vida e também, os relacionados às questões vinculadas ao Xamanismo, além da questão do Ethos, em que Santos (2019), identifica, como formato de ilustração e vinculação das identidades das populações amazônicas, na sua religiosidade e também, nas simbologias.

Durante as três noites do Festival, o índio como personagem do Festival é vinculado a diversos aspectos e também, vinculados a todo o cenário de transformações culturais. Com isso, o espetáculo pode ser vinculado a um novo nativismo cultural, destacados por Cavalcanti (2000) e Nakanome (2017, p.60), além de uma possibilidade de uma nova carga vinculada ao pertencimento da identidade cultural amazônica, a partir de um processo criativo vinculado a compreensão bibliográfica e também histórica da apresentação no futuro.

Representação Indígena, Território e Cultura no Festival Folclórico de Parintins: uma análise da retratação do Vale do Javari

Nesse processo de criação, Cardoso (2013, p.50), destaca esse vínculo além do interesse, a questão do ritmo e rima, também vinculado as transformações que o festival vem passando nos anos. Além disso, o processo criativo da toada, é vinculada a musicalidade e a semântica a ser apresentada posteriormente, tendo como principal objetivo, atingir o espectador.

Além disso, o processo de criação é dependente de que tipo de música que fará parte do espetáculo e a vinculação ao tema. Santos (2019, p.135), vincula nesse pertencimento, a questão da autenticidade e também, da inserção de novos elementos, destacados as questões da ecologia e as questões ambientais, vinculados a dramatização do espetáculo, destacada anteriormente por Braga (2002) e visto a seguir.

Figura 04: Alegorias do Caprichoso – nota a questão dos traços indígenas e da relação com a natureza



Créditos: Portal A Crítica

O conjunto folclórico da apresentação do bumbá remete as concepções de uma análise teórica, mas também uma narrativa adaptada a musicalidade, como descreve Oliveira (2018, p.113). Em relação aos itens e avaliações dos bumbás, diversos itens apresentados contém a questão indígena como significado, vide exemplo, a cunhã-poranga, que trata da beleza da mulher parintinense, mas também é considerada em alguns momentos do Festival como elo chave dos rituais indígenas, vinculados a união tribal e as pinturas, vinculadas ao traço.

Além disso, o pajé é a figura central da representação indígena, vinculadas as questões do xamanismo religioso e também da relação com a cura. Nakanome e Silva (2019, p.63), destaca esse momento vinculado ao ritual, como algo apoteótico, trazendo a importância do indígena como figura principal do espetáculo, além da harmonização e do romantismo vinculado ao heroísmo indígena, a partir da questão da reconstrução da identidade.

A toada Vale do Javari

O cenário do Vale do Javari no Festival de Parintins, é datado de 1996. Na década de 1990, o boi-bumbá Caprichoso, vindo de títulos em 1990, 1992 e um bicampeonato (1994 – Capricho dos Deuses e 1995 – Luz e Mistérios da Floresta), estava fazendo com que os bumbás ganhassem novos ares. A institucionalização do Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ) e também, da criação do Conselho de Artes do bumbá, devido a esse processo, vinculou mudanças a organização do festival.

No processo criativo do espetáculo, foram aprovadas 19 toadas para serem desenvolvidas durante o festival daquele ano, cuja temática era “Criação Cabocla”. O processo criativo do desenvolvimento do tema se baseou principalmente na vinculação das questões indígenas, dos primeiros habitantes, com a vinda do colonizador, as questões ambientais contemporâneas, além dos momentos de interação com a galera do bumbá, ponto crucial para a apresentação.

No âmbito da composição do tema, a toada Vale do Javari teve como compositor, Ronaldo Barbosa e J. Melo Faria, sendo o primeiro integrante do Caprichoso desde finais dos anos 1980, tendo como profissão odontólogo e depois, vinculado a FUNAI, de onde parte do seu conhecimento relacionado a temática é advindo das vivências durante os anos no órgão federal.

A composição foi pensada na seguinte questão: uma descrição das etnias que habitam a região, sendo algumas de contato recente. Além disso, é importante destacar que na época da composição da mesma, a região estava em estudos para possíveis demarcações, conforme visto abaixo.

Javari Ituí
Javari Curuçá
Javari Itacuaí
Bacia dos belos Matis Ituí
Berços brabos

Representação Indígena, Território e Cultura no Festival Folclórico de Parintins: uma análise da retratação do Vale do Javari

Dos Mayoruna Curuçá
Sina feliz dos Kulina Itacuaí
Braços fortes dos Marubos Javari
Cacetes de mortes dos Quixitos, Kaniuá
(Vale do Javari – Ronaldo Barbosa e J.Melo Faria – 1ª parte)

Destaca nessa primeira parte, a questão do alocar das etnias, com os rios que as mesmas se localizam, assim enfatizando uma territorialidade. Além disso, é destacado também uma das questões envolvendo as características dessas populações, em relações ao contato com não-índios e também o nome “Kaniuá”, em que Oliveira (2009, p.25), relaciona aos primeiros nomes dados pela FUNAI aos que seriam hoje, o povo Korubo.

Em outra parte da música, é destacada a questão da toponímia do nome. A palavra Javari é oriunda do tupi-guarani e tem dois significados: rio da onça, além de ser também um tipo de palmeira existente na região. Além disso, é destacado como essa região é de interesse aos madeireiros, o que ocasionou diversos conflitos na região.

Vale do Javari
Vale das Madeiras, Pérola
Palmeiras dos Javaris
Dos índios Arredios, pérola
Nada vale como vale de lágrimas
Vale pela vida pelo sangue dos Mayorunas
(Vale do Javari – Ronaldo Barbosa e J.Melo Faria – 2ª e 3ª Parte)

Na questão destacada sobre o “sangue dos Mayorunas”, esses também denominados de Matsés, sofreram grandes perdas durante o século XX. Segundo o Instituto Socioambiental (ISA), existem conflitos registrados ainda em meados dos anos 1950 e mortes causadas por doenças que não eram comuns na região, inclusive tendo retornado nos anos 1970, com os estudos da PETROBRÁS e também, com a instalação de mais de 100 madeireiros e seringueiros na região.

Nas 03 últimas partes da toada, é importante destacar as principais características dos povos que habitam a região, como uma forma de valorização e resistência dessa população. Com isso é enfatizado a questão da energia e força, a facilidade do contato com algumas etnias, a questão da sobrevivência e também, a arte vinculada aos traços corporais e aos rituais presentes, conforme visto abaixo.

Pelo riso dos Matis
Pelo viço dos Kulina
Pela arte dos Marubos
Pelo cacete dos Korubos

Pelo grito de guerra hááá
Dos Kanamary
Remates dos males
Atalaia do Norte, Estirão do Equador
(Vale do Javari – Ronaldo Barbosa e J.Melo Faria – 4ª a 6ª parte)

A parte em questão acaba por destacar o contexto Geográfico e a sobrevivência das populações e da resistência em manter as tradições. Segundo o ISA, muitas populações sofreram transformações na cultura, em relação ao uso de ornamentos e também, na arquitetura e arte, a partir desse contato, como foi o caso dos Matis.

Na construção geográfica da toada, o citar do antigo vilarejo de Remate dos Males, este primeiro núcleo de povoamento do atual município de Atalaia do Norte. Coelho Filho et al (2017), destaca a importância da região para o estabelecimento das fronteiras entre o Brasil, Peru e Colômbia, além da economia da borracha que movimentou a região, além de um terremoto ocasionado pelo impacto de um meteoro na região do rio Itacoaí, cujo evento é denominado de “Tunguska Brasileiro” ou o “Evento do Curuçá”, que forçou a retirada para o atual núcleo de povoamento.

Nota-se também, a inserção da relação com a vila de Estirão do Equador, conforme descrito pelo Exército Brasileiro (2020) este criado em 1950 como “Seringal Brasil” e com uma nomenclatura vinculada ao percurso do Igarapé chamado de Equador e o trecho retilíneo denominado de Estirão. Além disso, destaca o núcleo de Palmeiras do Javari, criado como povoamento em 1940 e tendo a instalação militar a partir de 1995.

O espetáculo: as apresentações da toada no bumbódromo

No ano de 1996, o festival foi realizado nos dias 28, 29 e 30 de junho daquele ano, cuja data era oficial até o ano de 2004. A toada teve um destaque essencial na primeira noite, cuja temática era voltada a chegada do colonizador e o contato com os não-indígenas. É importante destacar que o apresentador do bumbá Caprichoso naquele ano, Gil Gonçalves, destacou como a toada “símbolo da noite”, isto é, que iria vincular toda a dramatização.

Durante a apresentação da primeira noite, a toada veio como destaque na entrada das tribos indígenas e, também, vinculadas as alegorias e indumentárias, o que traz uma interligação com a organização do conjunto folclórico avaliado durante o espetáculo. Além disso, traz na figura apoteótica, a figura do pajé Waldir Santana, um dos eixos centrais do que seria apresentado na noite, conforme visto a seguir.

Representação Indígena, Território e Cultura no Festival Folclórico de Parintins: uma análise da retratação do Vale do Javari

Figura 05: Vale do Javari na Arena em 1996 (1ª Noite)



Créditos: Acervo Rede Amazônica

Na terceira noite, a toada veio inserida nas questões ambientais e das tribos, na qual foi pouco enfatizada com a toada em si, mas inserida nos demais momentos, principalmente dos Waimiri-Atroari, que já haviam suas terras reconhecidas, o que traz a imagem da toada e da apresentação vinculada com uma mensagem de preocupação e valorização das populações.

Anos mais tarde, em 2019, a releitura da toada trouxe a mesma questão, vinculada a Mátia Brasilis. Nesse ano, o subtema da primeira noite era intitulado “Do Caos a Utopia”, cuja temática era envolvida com as questões ambientais e também, um “grito” pela preservação ambiental e também pela valorização dos indígenas, cujas políticas atuais estão impedidas, devido aos novos aspectos ideológicos e políticos vigentes no país.

Nesse primeiro momento, a introdução das tribos indígenas, veio com a Cunhã-Poranga do Caprichoso, Marciele Albuquerque (figura 06), na qual foi inserida pelo apresentador, como um “canto de resistência” e a transformação do Vale do Javari como esperança, devido às inúmeras realidades.

Figura 06: Marciele Albuquerque como cunhã-poranga em 2019, junto com as tribos indígenas



Créditos: Fato Amazônico

Além disso, a toada também trouxe o simbolismo dos tuxauas, que vieram como os chefes da tribo e simbolizam a liderança e também, na indumentária, os traços da cultura da região, conforme visto a seguir.

Figura 07: Tribos Indígenas e Tuxauas representando o Vale do Javari



Créditos: Fato Amazônico

A diferença de mais de 20 anos na construção da toada e na apresentação, também é contextualizado nos rumos da região do Javari. O reconhecimento e também homologação se deu em 2001, mas as problemáticas de conflitos entre garimpeiros e madeireiros na região, além de uma precarização nos serviços necessários, trazem a necessidade das populações serem ouvidas, tanto na dramatização, quanto nos inúmeros movimentos desencadeados pelas populações habitantes.

Considerações finais

É importante ressaltar as mensagens repassadas a partir da festa popular. A inserção do Vale do Javari, nas toadas e seus processos criativos, é datado de um cenário vinculado aos recentes contatos desses povos e, também, em uma conjuntura de inserção das identidades indígenas e regionais.

A construção identitária do Festival Folclórico de Parintins, traz em seus traços, a busca pela pesquisa e também, conjunturas vinculadas a uma dramatização. Nota-se, que é inserido elementos vinculados a tornar o mais real, vinculados a palavras e expressões existentes de fato na cultura amazônica, trazendo a valorização e também a questão do romantismo heroico, aspectos negados ao longo da história.

O pensar acerca da toada “Vale do Javari”, trouxe uma perspectiva histórica e geográfica, vinculadas a territorialização dos povos habitantes na região e também a construção histórica do processo de contato e do reconhecimento como Terra Indígena. É remetido a questão do “sangue”, vinculadas as questões de perdas populacionais ocasionados por conflitos diretos ou doenças provenientes dos contatos pacíficos ao longo da história.

Portanto, a relação entre a questão indígena e o boi-bumbá de Parintins não é somente no formato de espetacularização, mas também reflete ao lúdico e a uma narrativa explicada e dramatizada, com aspectos de interação do público. Além disso, é percebido os vínculos trazidos nas esferas da pesquisa científica e educacional, tornando o Festival de Parintins como um dos meios de inserção social e da valorização das identidades.

Referências

ARISI, Bárbara; MILANEZ, Felipe. **Isolados e ilhados: indigenismo e conflitos no Vale do Javari, Amazônia**. Estudos Íbero-Americanos (PUC-RS-IMPRESSO), v. 43, p. 49-66, 2017.

BATALHA, Socorro de Souza; MONTARDO, Deise Lucy Oliveira. **A presença indígena no Festival Folclórico de Parintins: um estudo sobre o processo de composição das toadas (1995-2010)**. In: IV Reunião Equatorial de Antropologia e XIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste, 2013, Fortaleza. Saberes Locais e Experiências Transnacionais: Interfases do Fazer Antropológico, 2013. p. 1-16.

BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os bois-bumbás de Parintins**. 1.ed. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2002. v. 1. 480p.

CARDOSO, Maria Celeste de Souza. **Cancioneiro das Toadas do Boi-Bumbá de Parintins**. 2013. 291f. Dissertação (Mestrado em Letras e Artes) – Universidade do Estado do Amazonas - Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes), Manaus.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa**. Revista de História, Ciência e Saúde - Manguinhos, v. 6, p. 1019-1046, Set. 2000.

COELHO FILHO, Narciso Moreira; BAIMA, Thiago de Souza; PONTES, Michele da Silva. **A economia gomífera da cidade de Remate de Males na configuração do território amazônico**. Revista Geopolítica Transfronteiriça, v. 1, n. 2, p. 43-59, nov. 2017.

COUTINHO JUNIOR, Walter. **Relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Vale do Javari, GT Portarias nº 174/95 e 158/96**. Brasília, 1998.

EXÉRCITO BRASILEIRO. **Conheça o seu exército: CFSOL/8º BIS**. Disponível em: http://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_returnToFullPageURL=%2Fweb%2Fnoticias%2Fnoticiario-do-exercito%2F-%2Fasset_publisher%2FMjaG93KcunQI%2Fcontent%2Fcmdo-fron-solimoes-8-bis-realiza-aciso-em-comunidade-do-rio-apaporis-am&_101_assetEntryId=7257919&_101_type=content&_101_groupId=16541&_101_urlTitle=conheca-o-seu-exercito-cfsol-8-bis-sel-va-&inheritRedirect=true – Acessado em: 02/06/2020.

NAKAMURA, Rafael. **Vale do Javari: maior concentração de isolados no mundo**. Disponível em: <https://boletimisolados.trabalhoindigenista.org.br/2015/12/09/vale-do-javari-maior-concentracao-de-isolados-no-mundo/> - Acesso em: 01/06/2020.

NAKANOME, Ericky da Silva. **A representação do Indígena no Festival Folclórico de Parintins**. 2017, 127p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal da Bahia – Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Salvador.

NAKANOME, Ericky da Silva; SILVA, Adan Renê Pereira. **O indígena no imaginário alegórico dos bumbás de Parintins**. Moringa – Artes do Espetáculo (UFPB), v. 10, p. 49-66, 2019.

OLIVEIRA, Cila Mariá Ferreira Fonseca de. **Narrativas, cosmogonia e re-existência indígena em toadas do festival folclórico de Parintins/AM**. 2018. 159f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Rondônia, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Velho.

OLIVEIRA, Sanderson Castro Soares de. **Preliminares sobre a fonética e a fonologia da língua falada pelo primeiro grupo de índios Korúbo recém-contatados**. 2009. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília -Programa de Pós-Graduação em Linguística, Brasília

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. **Povos Indígenas do Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/> - Acesso em: 01/06/2020.

Representação Indígena, Território e Cultura no Festival Folclórico de Parintins: uma análise da retratação do Vale do Javari

SANTOS, Gabriel Augusto Nogueira dos. **Cultura Indígena e Aspectos Filosóficos: Notas sobre os Festivais Folclóricos da Amazônia.** Wamon - Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM. v. 4, p. 133-146, 2019.

VIEIRA FILHO, Raimundo Dejard. **Bumbás de Parintins: tradição e mudança Cultural.** 2003, 116p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Amazonas – Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, Manaus.

Sobre o Autor

Gabriel Augusto Nogueira dos Santos

Graduado em Geografia (Modalidade Bacharelado) e Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas. Além disso, é graduando em Tecnologia em Logística pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, membro do grupo de pesquisa "Geografia da Amazônia: Ambiente e Cultura", do "Grupo de Estudos em Transportes e Logística" pela UFAM. Tem como linhas de pesquisa, os seguintes temas: Geografia Urbana, Geografia dos Transportes, Economia e Planejamento dos Transportes, Sistemas de Transportes, Políticas Públicas, Folclore e Cultura, com ênfase nos aspectos da Amazônia Brasileira. E-mail: nogueira.gabriel01@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1959-6313>

Recebido em: 12/10/2020

Aceito para publicação em: 12/11/2020